

ASSISTÊNCIA DO PROFISSIONAL DE ENFERMAGEM NO TRATAMENTO DA RAIVA HUMANA.

Área de concentração em Enfermagem Saúde Coletiva

Aldiluce Fernandes de Araújo 1¹; Ana Paula de Medeiros 2²; Maria Betania Bezerra 3³;
Maria do Socorro Rufino Ferreira 4⁴; Deilton Aires Batista 5⁵

¹ Acadêmica do curso de bacharelado em Enfermagem das Faculdades de Patos- FIP1,
aldiluce_bilu@hotmail.com

² Acadêmica do curso de bacharelado em Enfermagem das Faculdades de Patos- FIP 2,
anapaulamed2009@hotmail.com

³ Acadêmica do curso de bacharelado em Enfermagem das Faculdades de Patos- FIP 3,
mbetaniabezerra@bol.com.br

⁴ Acadêmica do curso de bacharelado em Enfermagem das Faculdades de Patos- FIP 4,
socorro.rufino24@gmail.com

⁵ Graduado em Enfermagem e Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba-UEPB,
Mestre em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba, Doutor em Saúde Mental
pela Universidade Federal de Pernambuco- UFPE, Orientador e Pesquisador pelas Faculdades
Integradas de Patos- FIP. 5, deiltonayres@hotmail.com

INTRODUÇÃO: A raiva humana é uma zoonose viral, cujo agente etiológico pertence à família Rhabdoviridae e ao gênero Lyssavirus, que se caracteriza como uma encefalite progressiva aguda e letal. Todos os mamíferos são suscetíveis ao vírus da e, portanto, podem transmiti-la. De acordo com dados do Ministério da Saúde (2014), o Brasil é considerado, hoje, exemplo no combate eficaz em todo mundo, a maioria dos casos é encontrada nas regiões Norte e Nordeste. A patologia é uma antroozoonose, ou seja, uma doença que passa dos animais ao homem. Essa enfermidade é transmitida ao homem pela inoculação do vírus presente na saliva e secreções do animal infectado, principalmente pela mordedura e lambedura. O primeiro cuidado após a mordida do animal é a exaustiva limpeza do ferimento com água e sabão, fazendo-se, ato contínuo, a antisepsia com álcool iodado, povidine ou clorexidina. O agravo apresenta dois grupos básicos de transmissão: o urbano que ocorre principalmente entre cães e gatos e é de grande importância nos países do terceiro mundo, e o rural, que ocorre principalmente entre morcegos, macacos e raposas. Na zona rural, a doença afeta animais de produção como bovinos, equinos, suínos e outros. A distribuição da raiva não é obrigatoriamente uniforme, podendo existir áreas livres e outras de baixa ou alta endemicidade, apresentando, em alguns momentos, formas epizooticas. A prevenção do problema ocorre por meio de um conjunto de ações, dentre elas a vacinação, e recolhimento de cães sem controle de supervisão, atendimento a pessoas envolvidas em agravos com animais, observação clínica de cães e gatos suspeitos, tratamento profilático com imunológicos de pessoas expostas ao risco de infecção rábica, vigilância epidemiológica e educação em saúde. Todas essas ações, realizadas em conjunto com eficácia e eficiência pelos órgãos competentes, podem promover a erradicação da raiva humana. Entende-se por tratamento pós-exposição o tratamento preventivo do paciente feito com vacinas, com ou sem administração concomitante de soro, após acidente com animal em que houve risco de transmissão do vírus da raiva. A outra forma de prevenção com imunobiológicos, a profilaxia vacinal pré-exposição, indicada para grupos de alto risco de exposição ao vírus rábico, como veterinários e pesquisadores. Ao avaliar um caso suspeito de raiva humana, o profissional de saúde deverá comunicar imediatamente a secretaria estadual de saúde mais especificamente ao serviço de Vigilância Epidemiológica. O trabalho da enfermagem é composto por um conjunto de trabalho, os quais podem estar de forma

(83) 3322.3222

contato@congregfip2017.com.br

www.congregfip2017.com.br

articulada e podem ser executados da maneira concomitante atuando sobre um determinado produto ou serviço. As ações que compõem o processo de enfermagem são de assistir ou cuidar, administrar ou gerenciar, ensinar, pesquisar e de participar politicamente. O enfermeiro tem um papel essencial na implantação e manutenção das políticas de saúde brasileiras. Ele é responsável pela organização de práticas em saúde coletiva e por enfrentar problemáticas de grupos humanos, sendo verificada a sua atuação em vários momentos do processo de trabalho em saúde, objetivos: avaliar o conhecimento do profissional de enfermagem no tratamento da raiva humana.

MATERIAIS E MÉTODOS: Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de base descritiva e exploratória, onde foram utilizados artigos científicos encontradas no Portal de Pesquisa da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), compilando publicações na base de dados da Literatura Latino-americanas e do Caribe (LILACS), no Banco de Dados Scielo - Scientific Electronic Library Online. Utilizaram-se os descritores padronizados e disponíveis em Ciências da Saúde (DeCS): Dados epidemiológicos. Raiva Humana e Profilaxia. Como critérios de inclusão adotou-se artigos publicados nos últimos 10 anos, em língua portuguesa e que apresentaram como objeto de estudo a temática central: Raiva Humana. Como critérios de exclusão consideraram-se os artigos publicados em língua estrangeira, bem como os estudos que não apresentaram aspectos que contribuíssem com o objetivo desta pesquisa. Para análise dos dados, adotou-se a técnica da análise de conteúdo, modalidade temática.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: No Brasil, a vigilância em saúde e a imunização tanto humana quanto animal são bases para o programa de controle do agravo. Foi reduzido significativamente o número dos casos de raiva humana transmitida por cães nas últimas décadas, com base no processo de descentralização das ações de vigilância e controle da raiva nos estados e municípios. Em 1996, foram notificados 1058 casos de raiva canina, um número que caiu para 15 casos em 2014. Porém, os dados epidemiológicos gerados não são processados, avaliados, configurados e transmitidos em tempo hábil aos componentes dos sistemas para as tomadas de decisão adequadas. Essas informações são essenciais tanto para os médicos, que devem decidir sobre a administração do tratamento pós-exposição, como para os veterinários, que devem tomar as medidas sanitárias adequadas a respeito do animal agressor. O atendimento antirrábico humano é feito em pessoas que se julgam expostas ao vírus rábico, por demanda espontânea ou de seu responsável. O esquema profilático da raiva humana deve ser garantido todos os dias, inclusive nos finais de semana e nos feriados. É de responsabilidade do serviço que atende o paciente realizar busca ativa imediata daqueles que não comparecerem nas datas agendadas, para a aplicação de cada dose da vacina. A interrupção de esquema, quando indicada pela unidade de saúde, não é caracterizada como abandono de profilaxia da raiva humana. O vírus da raiva é neutrópico, depois de penetrar no organismo humano pode atingir terminações nervosas periféricas e iniciar a migração para o Sistema Nervoso Central, protegido pela camada de mielina. A exposição de forma mais rara, também pode ocorrer pelo contato indireto através de vômitos e por inalação. No entanto, o risco de exposição por estas vias é muito baixo, porque o vírus é pouco resistente fora do organismo animal, sendo inativo pelos raios ultra-violeta pela dessecação e por solventes orgânicos, inclusive os produtos de limpeza doméstica, como sabões e detergentes. A vacina produzida em cultivo celular, utilizada no Brasil desde 2003, é gratuita e encontra-se disponível em toda rede do Sistema Único de Saúde (SUS). Devido à elevada letalidade da doença não há restrições à vacinação – gravidez, mulheres lactantes, doenças intercorrentes ou concomitância de outros tratamentos – enfatizando-se que a dose de aplicação independe da idade e do peso do paciente. A imunização passiva,

realizada por soro heterólogo ou homólogo se dá pela infiltração do soro no ferimento, respeitando-se a dose recomendada a cada enfermo e procurando-se prover o maior volume possível de infiltração. Um programa de prevenção da raiva humana bem executado deve ter grande impacto na incidência da raiva animal, principalmente em cães e gatos, diminuindo o risco de transmissão e, conseqüentemente, o número de tratamentos preventivos com imunobiológicos em seres humanos. O trabalho da enfermagem foi essencial, e continua sendo, para as ações de promoção e prevenção à raiva humana nas localidades atingidas por este mal e tem como objetivo garantir a aplicação dos imunológicos conforme indicação estabelecida pelo Ministério da Saúde do Brasil e diminuir número de óbitos. Considera-se que o doente possua vínculo epidemiológico quando apresenta manifestações clínicas sugestivas e advém de regiões nas quais a circulação do vírus rábico é comprovada, ou quando possui histórico de exposição a uma provável fonte de infecção.

CONCLUSÕES: No Brasil, a vigilância em saúde e a imunização tanto humana quanto animal são bases para o programa de controle do agravo. Foi reduzido significativamente o número dos casos de raiva humana transmitida por cães nas últimas décadas, com base no processo de descentralização das ações de vigilância e controle da raiva nos estados e municípios. Embora várias descobertas tenham sido feitas, muitas questões permanecem sem respostas. A raiva ainda é um problema imbatível e um constante desafio para os pesquisadores, porém fica claro que a erradicação da doença depende fundamentalmente do controle da raiva animal. o enfermeiro deve ser capaz de fazer observações relevantes, reconhecer os problemas de saúde, desenvolver soluções apropriadas e avaliar os resultados destas soluções.

Palavras-Chave: Assistência de Enfermagem. Raiva humana. Saúde Coletiva

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. Gomes AP, Viana LEO, Pinto RCT, et al. O sistema nervoso central e as doenças infecciosas: novas fronteiras. In: Esperidião AV. Neurociências: diálogos e interseções. Rio de Janeiro: Rubio; 2012. p. 255-304.
2. Fiorezi JMS, Prado MRM, Prado Júnior PP, et al. Adesão à profilaxia pré-exposição da raiva humana entre profissionais com risco ocupacional ao vírus rábico. *Enfermagem Brasil* 2010;9(2):68-74
3. Costa WA, Ávila CA, Valentine EJG, et al. Manual Técnico 4 do Instituto Pasteur: Profilaxia da raiva humana. São Paulo: Instituto Pasteur, 2000. Disponível em http://www.pasteur.saude.sp.gov.br/extras/manual_04.pdf. Acesso em 23 de junho de 2011.
4. Brasil. Ministério da Saúde. Doenças infecciosas e parasitárias: guia de bolso. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.
5. Brasil. Ministério da Saúde. Sistema Nacional de Vigilância em Saúde: Casos confirmados de Raiva Humana, segundo UF de residência. Ministério da Saúde, 2011.
6. Sanna MC. Os processos de trabalho em enfermagem. *Rev Bras Enferm* 2007; 60(2): 221-4.